



## **“GUERRA AO TERROR”: CAPITÃO AMÉRICA VAI A LUTA MAIS UMA VEZ PELA AMÉRICA**

Rodrigo Moraes Cunha<sup>1</sup>

### **Resumo**

O presente trabalho tem por objetivo desenvolver uma análise acerca das representações ideológicas, culturais e de propaganda política presentes nas HQs do Capitão América entre os anos 2002 e 2003. Destacando a atual “Luta ao Terror”. Pretende-se analisar algumas imagens produzidas nesta fase do Capitão América, aliadas a análise do discurso e do conteúdo presente no roteiro das HQs construído ao longo desta produção quadrinística, motivada pelos atentados do “11 de Setembro”. A análise das imagens e do argumento possibilitará averiguar quais representações os “estadunidenses” estabelecem de seus adversários durante o esforço de guerra, bem como a posição política da editora e o conflito desta com os argumentistas e desenhistas que não concordavam com o alinhamento da editora para com a política do Governo Norte-Americano que se desenvolvera no pós “11 de Setembro”.

**Palavras chave:** Capitão América. Propaganda ideológica. Luta ao Terror.

### **Políticas antiterroristas norte-americanas**

No de ano 2003, é dada a continuidade ao que se vinha fazendo ao longo de todo o ano de 2002, o embate político-ideológico nas HQs do Capitão América (CA) entre artistas e editores. Este embate é um reflexo no que vinham acontecendo na sociedade estadunidense, alguns eram a favor e outros contra as intervenções no Oriente Médio, especificamente no que se refere ao terrorismo, ou melhor, às políticas antiterroristas. Mas para entendermos as tomadas de posição políticas nos EUA temos que analisar a definição oficial do governo estadunidense para o terrorismo.

A definição oficial de terrorismo do governo norte-americano é: “Ameaça ou uso de violência para atingir fins políticos, religiosos, ou de outra natureza através da intimidação, da indução ao medo, e assim por diante, voltados contra populações civis”. (Chomsky, 2005, p. 67). Esta definição é o que permeia a política antiterrorista estadunidense. Sendo a conceituação de terrorismo feita pelos EUA e aplicada por estes e seus aliados quando estes sofrem “ataques”. Pois ações realizadas pelos Estados Unidos e seus aliados não utilizam este termo, para estes parafraseio o termo utilizado por Chomsky, “guerra suja” ou

---

<sup>1</sup> Formado em História pela Faculdade Porto-Alegrense (FAPA). Contato: rohistoriador@gmail.com.

“antiterrorismo”. Ações terroristas realizadas pelos EUA entraram para a história, ao menos na escrita deste país, como sendo ações legais, isto é, antiterrorista. Como diz Chomsky:

O princípio é que, quando alguém pratica o terrorismo contra nós ou contra nossos aliados, isso é terrorismo, mas, quando nós ou nossos aliados o praticam contra outros, talvez um terrorismo muito pior, isso não é terrorismo, é antiterrorismo ou guerra suja. (Chomsky, 2005. p. 78).

Tudo pode para os EUA e seus aliados. Os povos reprimidos não possuem o mesmo direito. Este “princípio” como diz o autor é universal. O mesmo lembra que ao longo de todo o imperialismo europeu esta metodologia ou compreensão dos atos de agressão foi padrão para os antigos Estados colonialistas.

Partindo desta definição oficial de terrorismo por parte dos EUA, vigora, desde o atentado de 11 de setembro, o *Patriot Act*<sup>2</sup>, lei federal, vasta e complicada, que insere alterações substanciais em 15 leis federais e que atribui enormes poderes executivos a organismos operativos de controle e aos aparelhos de inteligência (VERVAELE, 2007<sup>3</sup>). No Brasil, alguns grupos de pessoas, e setores de interesse, querem que se aplique uma lei contra o terrorismo<sup>4</sup> em nosso território, principalmente após os atentados de setembro de 2001.

A *Patriot Act* vem causando um grande debate no cenário interno e externo da política estadunidense. Primariamente ela foi apoiada pela população norte-americana, que se encontrava em choque devido aos atentados. Posteriormente, a *Patriot Act* sofreu críticas dos próprios norte-americanos e da opinião pública internacional, diante do fato da lei oferecer possibilidades de burlar direitos constitucionais dos civis estadunidenses, tais como a interceptação de comunicações, sejam eles eletrônicos ou de registros<sup>5</sup>, bem como o direito de civis de outros países, além é claro de prender pessoas sem acusação formal e deixá-las incomunicáveis, é praticamente a instituição de uma lei marcial. Assim vive a população norte-americana, em um estado de que qualquer pessoa (é claro que o público alvo de observações mais atentas por parte do Estado, e seus órgãos repressivos (FBI) são

---

<sup>2</sup> Ato Patriota. Tradução livre.

<sup>3</sup> A legislação anti-terrorista nos Estados unidos: um direito penal do inimigo. Disponível em: <[http://www6.ufrgs.br/direito/wp-content/uploads/2010/08/1\\_2.pdf](http://www6.ufrgs.br/direito/wp-content/uploads/2010/08/1_2.pdf)> Acessado em 24/11/11

<sup>4</sup> Noam Chomsky apresenta em seu livro, “11 de Setembro” o conceito geral de terrorismo. “O uso calculado da violência ou da ameaça de violência para atingir objetivos políticos, religiosos ou ideológicos, em sua essência, sendo isso feito por meio de intimidação, coerção ou instalação do medo”. (CHOMSKY. 2002. p 104). No entanto, este conceito é muito universal, conseqüentemente ele é distorcido pelo governo americano como mostra Chomsky: mas, junto com o significado literal do termo e da citação pura e simples dos documentos oficiais americanos, também há o uso propagandístico, que desafortunadamente é a definição padrão, o “terrorismo” é usado para designar atos terroristas cometidos por inimigos contra nós ou contra nossos aliados. (CHOMSKY. 2002. p. 104). Isto é, o terrorismo só ocorre quando os EUA ou seus aliados sofrem ataques.

<sup>5</sup> A legislação antiterrorista nos Estados unidos: um direito penal do inimigo? Disponível em: <[http://www6.ufrgs.br/direito/wp-content/uploads/2010/08/1\\_2.pdf](http://www6.ufrgs.br/direito/wp-content/uploads/2010/08/1_2.pdf)> Acessado em 24/11/11.

os grupos étnicos com origem no Oriente Médio, bem como as comunidades muçulmanas<sup>6</sup>) pode ser presa e levada para uma base militar sem qualquer direito constitucional.

No cenário externo, a política antiterrorista norte-americana desencadeou duas guerras no Oriente Médio, primeiramente no Afeganistão<sup>7</sup> seguido da segunda guerra do Iraque<sup>8</sup>. Desentendimentos fortes com a ONU<sup>9</sup>, já que os EUA iniciaram e desenvolveram estas guerras sem o aval desta instituição, bem como desentendimentos com muitos países contrários as intervenções militares nos países já citados.

Portanto, nota-se que os Estados Unidos da América, em sua luta contra o terrorismo, impetrada desde 2001, vem causando sérios desgastes à sua imagem, tanto internamente quanto externamente.

E como fica o Brasil dentro deste contexto? A situação brasileira, no tocante a leis que tratam, especificamente, do terrorismo<sup>10</sup>, ocorre uma tentativa de implementação de leis específicas para o terrorismo, e quem encabeça esta “campanha” fora promovida abertamente pela revista *Veja*<sup>11</sup>, para, supostamente, punir pessoas que cometam atos terroristas no território brasileiro. Isto ocorre desde 2001 com maior ímpeto de certos meios de comunicação que pretendem favorecer setores do empresariado do agronegócio.

O projeto que foi exposto, e já refutado, não conceituava o termo “terrorismo”, tão somente preve que seriam punidos os crimes empreendidos com a intenção de gerar o pânico ou insegurança na sociedade, para atemorizar o Estado, organizações internacionais ou pessoa de cunho jurídico, nacional ou estrangeira, ou mesmo coagi-los a ação ou omissão<sup>12</sup>. Nota-se uma pequena semelhança dos crimes que o projeto de lei apresentava diante da definição dos estadunidenses para terrorismo.

Este projeto de lei, como foi apresentado, abrindo espaço para varias interpretações, diante da não tipificação do termo terrorismo, tendo em vista que a sociedade brasileira é repleta de desigualdades sociais bem como de organismos de reivindicação, isto é,

---

<sup>6</sup> Este fato, no mínimo é pejorativo.

<sup>7</sup> Guerra realizada com a intenção de capturar, vivo ou morto, Bin Laden até então suposto mandante dos atentados de onze de setembro.

<sup>8</sup> A primeira foi promovida pelo Bush Pai. A guerra realizada pelo Bush filho foi sob o pretexto (não comprovado) de que Saddam Hussein possuísse armas de destruição em massa e que deva apoio a Al Qaeda.

<sup>9</sup> Organizações das Nações Unidas.

<sup>10</sup> Em 2008, foi elaborado o texto de uma Lei antiterrorista foi elaborado pelo Grupo de Segurança Institucional (GSI), Casa Civil, a Advocacia Geral da União (AGU), o Ministério da Justiça, da Defesa, das Relações Exteriores, do Planejamento, da Ciência e Tecnologia, além dos Comandos do Exército, Marinha e Aeronáutica. No ano de 2008, conforme revelaram documentos publicados pelo site WikiLeaks. *Veja* faz campanha explícita pela lei antiterrorista. Disponível em: <[http://www.pco.org.br/conoticias/ler\\_materia.php?mat=27967](http://www.pco.org.br/conoticias/ler_materia.php?mat=27967)> Acessado em 25/11/11.

<sup>11</sup> Lei antiterrorismo. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/tag/lei-antiterrorismo/>> Acessado em 25/11/11.

<sup>12</sup> Lei antiterrorista vai permitir criminalização de movimentos sociais. Disponível em: <<http://www.inesc.org.br/noticias/noticias-gerais/2007/marco-2007/lei-antiterrorismo-vai-permitir-criminalizacao-de-movimentos-sociais/>> Acessado em 25/11/11.

movimentos sociais organizados. Assim sendo, seria transferida para os juízes de primeira instância a atribuição de distinguir, conceituar, o ato de qualquer pessoa ou movimento social que haja conforme uma série de circunstâncias comuns a nosso país. Qualquer juiz com um posicionamento mais conservador ou que tenha ligações com grupos de interesse específicos, como os grandes latifundiários, poderiam prender pessoas, inclusive de forma preventiva<sup>13</sup>, diante de uma interpretação livre do termo terrorismo. Portanto, movimentos sociais e estudantis poderiam ser enquadrados na referida lei.

A estrutura jurídica existente no Brasil para o combate ao terrorismo pode ser avaliada como suficiente – bem desenvolvido e relativamente complexo. O repúdio ao terrorismo é um dos princípios das relações exteriores do Brasil na Constituição Federal de 1988 (art. 4º, VIII<sup>14</sup>, p. 2). O art. 5º, XLIII<sup>15</sup>, aborda o procedimento como crime inafiançável, por ele respondendo os mandantes, executores e os que, se puderem evitá-lo, omitirem-se.

Além do mais, a rejeição brasileira ao terrorismo está bem clara na Constituição Federal de 1988 e na Política de Defesa Nacional. O artigo 2º da Lei 8.072/90, que trabalha a respeito de crimes hediondos, prevê que, além do terrorista ser insuscetível de fiança, anistia e graça, também o indulto e a liberdade provisória lhe são proibidos, e a pena sentenciada precisa ser, necessariamente, cumprida em regime fechado<sup>16</sup>. A Lei 9.474/97 complementa ainda mais os protocolos de procedimentos para o trato com terroristas, onde constitui o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE) que estabelece: a proibição a concessão de *status* de refugiado a terroristas, segundo o Estatuto do Refugiado, de 1951. Assim sendo, o Brasil, mesmo tendo sua lei vigente e bem clara, sofreu assédio dos EUA e de certos setores da própria sociedade brasileira em favor das novas leis antiterrorismo formuladas pelos norte-americanos.

### **Capitão América: a linha editorial apresentada em 2003**

A editora responsável pelo o Capitão América (*Marvel Comics*) alinhou-se quase que instantaneamente ao discurso do governo, isto é, demonstrado diante da publicação de cartazes<sup>17</sup> do Capitão América conclamando a manutenção da memória ao atentado na

---

<sup>13</sup>Veja faz campanha explícita pela lei antiterrorista. Disponível em:

<[http://www.pco.org.br/conoticias/ler\\_materia.php?mat=27967](http://www.pco.org.br/conoticias/ler_materia.php?mat=27967)> Acessado em 25/11/11.

<sup>14</sup> Constituição Federal brasileira, p. 2. Disponível em:

<[http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988\\_04.02.2010/CON1988.pdf](http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_04.02.2010/CON1988.pdf)> Acessado em 29/11/11.

<sup>15</sup> Constituição Federal brasileira, p. 5. Disponível em:

<[http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988\\_04.02.2010/CON1988.pdf](http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_04.02.2010/CON1988.pdf)> Acessado em 29/11/11.

<sup>16</sup> Constituição Federal brasileira, p. 5. Disponível em:

<[http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988\\_04.02.2010/CON1988.pdf](http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_04.02.2010/CON1988.pdf)> Acessado em 29/11/11.

<sup>17</sup> O Capitão América dos quadrinhos. Disponível em: <<http://irlandesmaluko.blogspot.com/2011/08/o-capitao-america-dos-quadrinhos.html>> Acessado em 26/11/11.

população visando apoio para as retaliações que já se avizinhavam. Em meio a esta tragédia, os estadunidenses se uniram, e a *Marvel* não fez diferente. A editora lançou campanha na Internet e espalhou vários cartazes pela cidade de Nova Iorque com o Capitão América à frente, improvisando uma espécie de chamamento para que a população doasse sangue para ajudar no resgate das vítimas do atentado, e quem mais ocupou espaço nessa propaganda convocando a população, foi o Capitão América. Estes cartazes, entre outros, foram espalhados por toda a cidade de *New York* com a intenção propagandística clássica de gerar comoção à população e, conseqüentemente, obter apoio popular para as ações militares que estavam se organizando.

Nesta ilustração, pode-se notar que o *Sentinela da Liberdade* está em posição de saudação em uma perspectiva de baixo para cima com o céu acinzentado, possivelmente uma referência ao desmoronamento do *Ward Trad Center*, bem como o escudo posicionado de forma defensiva. Estes elementos, desta bela obra de arte<sup>18</sup>, são elementos pertencentes ao discurso do governo estadunidense que anunciava ataques preventivos ao Afeganistão<sup>19</sup>, visando a captura ou eliminação do líder máximo da Al Qaeda, Osama Bin Laden.

Mas o alinhamento editorial da *Marvel Comics* não se ateve, essencialmente, no imediato ao ocorrido no fatídico 11 de Setembro. Este continuaria por alguns anos. A *Marvel* estava com um de seus mais famosos personagens (CA) praticamente sem dar lucro algum. Contudo, este fato não era isoladamente do capitão América, basicamente os personagens da *Marvel* que mantinham a empresa funcionando eram Homem Aranha e X-Mans<sup>20</sup>, partindo desta premissa, o editor chefe, que assumiu o cargo no fim da década de 1990, Joe Quesada, tomou uma tática que a rival *DC Comics* já utilizava, desenvolveu um título para publicações mais adultas e realistas empregando célebres personagens da editora, assim o mercado de quadrinhos ganhava a revista *Marvel Knights*<sup>21</sup>.

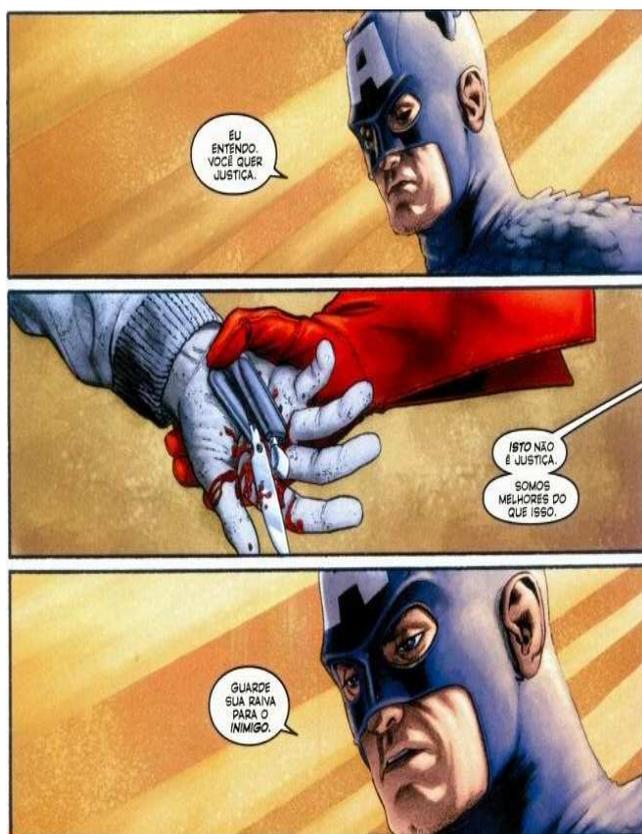
---

<sup>18</sup> Estes cartazes foram leiloados e sua arrecadação foi doada as famílias das vítimas dos atentados. Disponível em: <<http://irlandesmaluko.blogspot.com/2011/08/o-capitao-america-dos-quadrinhos.html>> Acessados em 28/11/11.

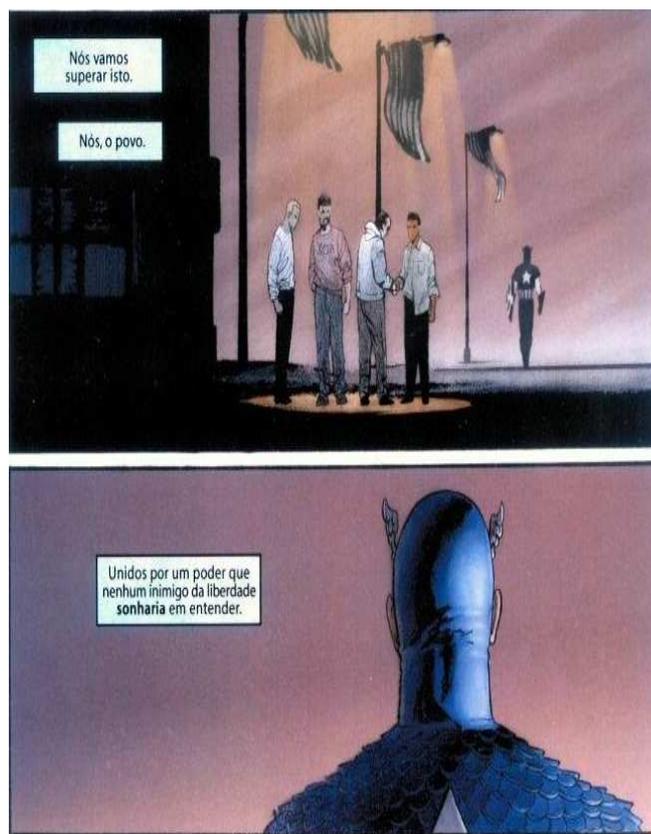
<sup>19</sup> Até então suposta base de operações da Al Qaeda.

<sup>20</sup> Disponível em: <<http://irlandesmaluko.blogspot.com/2011/08/o-capitao-america-dos-quadrinhos.html>> Acessados em 28/11/11.

<sup>21</sup> Disponível em: <<http://irlandesmaluko.blogspot.com/2011/08/o-capitao-america-dos-quadrinhos.html>> Acessados em 28/11/11.



**Figura 01:** Discurso humanista de Rieber na fala do Capitão América.



**Figura 02:** Por fim, o ódio é superado pela razão.

Foi no período em que Joe Quesada punha ordem na “Casa das Ideias” que os EUA lidavam com o pior atentado terrorista de sua história, os atentados ao *World Trade Center*, em 11 de Setembro de 2001. O ataque extinguiu um dos maiores símbolos do império *ianque* e instalou o medo no país. Com o país e seu povo feridos, estava preparado o terreno para o retorno do Capitão América, suas histórias regressaram com o nacionalismo exacerbado dos norte-americanos em voga, a determinação de demonstrar para o mundo que é necessário muito mais do que a destruição de um símbolo de poder para que se destruía uma nação inteira. Sendo assim, o terreno estava fértil mais uma vez para o Capitão América.

A editora pensou em colocar o Capitão América na “luta contra o terror”, porém, para isso, os editores tiveram a ideia de reformular o herói de uma forma que os jovens leitores adquirissem as HQs. Para isso formam elencados dois grandes artistas do meio quadrinístico: John Ney Rieber (roteirista de cunho crítico) e John Cassaday<sup>22</sup> (desenhista).

Desta dupla, que divide os trabalhos das referidas HQs, será dada a ênfase em Rieber e seu histórico envolvimento com questões humanistas, isto é, seus trabalhos e sua crítica

<sup>22</sup> Curiosidade sobre o trabalho de Cassadey no Capitão América é que este artista desenhou as revistas até o número 6. Entretanto, diante das constantes exigências/intervenções de Quesada para que o artista redesenhasse várias páginas. Cassadey ficou apenas com a ilustração das capas.

ao posicionamento radical, seja de que lado for. É notória como ilustram os quadrinhos da página anterior, como Rieber demonstra a diversidade étnica nos EUA e o seu preconceito (fig. 01, 02)<sup>23</sup>.

Um roteiro como este, que faz o leitor refletir sobre preconceito não era bom para a posição de alinhamento da editora para com o governo. Portanto, roteiros como estes, levariam Rieber em rota de colisão com os interesses governamentais bem como os comerciais, pois como o Capitão América é historicamente garoto propaganda dos “ideais” norte-americanos. Assim, a probabilidade do governo dos EUA injetar dinheiro na *Marvel Comics* para o desenvolvimento de um sistema propagandístico encabeçado pelo *Sentinel da Liberdade* seria bem plausível.

Consequentemente o editor chefe, Joe Quesada não ficou contente com sucessivos roteiros escritos por Rieber onde este criticou abertamente a posição belicosa dos EUA. Mesmo assim, Rieber foi escolhido como o responsável pela roteirização das sete primeiras edições do novo título do Capitão América. No entanto, sem maiores satisfações, o oitavo número recebeu um roteirista, Chuck Austen. Configurando-se assim a prova do descontentamento que o editor chefe da *Marvel*, Quesada, para com o trabalho que John Ney Rieber vinha fazendo até então.

Logo, Chuck Austen, mais suscetível aos mandos e desmandos de Quesada, foi escolhido como parceiro de Rieber para o desenvolvimento dos roteiros do Capitão América. Seu trabalho seria dar uma ênfase à luta contra o terror, por parte do CA, engajando-o, por assim dizer, no esforço de guerra que se mostrava cada vez mais forte. A intervenção editorial era clara, Joe Quesada estava valendo-se do poder que detinha para pôr “em ordem” o trabalho realizado com o CA. O poder no sentido que é apresentado por Thompson:

Em um sentido mais geral, “Poder” é a capacidade de agir na busca de seus próprios objetivos e interesses: um indivíduo tem poder de agir, poder de intervir em uma sequência de eventos e alterar seu curso. Agindo dessa forma, o indivíduo apoia-se e emprega os recursos que lhe estão disponíveis. Assim, a capacidade de agir na busca de seus próprios objetivos e interesses depende da posição do indivíduo dentro de um grupo ou instituição. (THOMPSON, 2000, p. 199).

---

<sup>23</sup> Extraído de coleção particular.



Figura 03: Provavelmente estes trechos sejam de Rieber devido o conteúdo crítico e reflexivo.

Desta forma, Rieber dividiu o roteiro com Chuck Austen somente por dois números, o oitavo e o nono não participando mais deste título. Posteriormente Rieber viria a comentar que o Capitão América que ele idealizou não era o mesmo que eles idealizaram e desejavam<sup>24</sup>. Nestas duas edições em que houve a “parceria” vê-se duas linhas de pensamento bem claras, de um lado, Rieber com sua crítica social bem aberta, que vinha sendo apresentadas até então, do outro Austen com uma postura muito mais pró governo, pró-EUA, pois diante dos EUA iniciando mais um conflito bélico não seria de bom tom o CA ficar a refletir sobre as “falhas” da América para com os outros povos.

Na edição nº 9 da publicação americana, a brasileira foi na revista *Marvel* 2003 nº 9, surge um diálogo onde podemos perceber as mudanças no roteiro. Diz o Capitão América “- *Estou cheio... Das pessoas... Achincalharem este país!*” (RIBER/AUSTEN. 2003. vol. 9 p, 15), isto é, vemos o poder de Joe Quesada, como editor chefe, na prática. Além deste fato, vemos o alinhamento da *Marvel Comics* com a política de retaliação dos Estados Unidos em harmonia, pois neste diálogo retrata-se um Capitão América mais voltado para a guerra, menos reflexivo e ultranacionalista, muito diferente do que Rieber desenvolvia até então.

Diante desta discrepância de pontos de vista, Rieber, por opção, deixou a publicação definitivamente, com isso, Austen seria o único roteirista. Este por sua vez iniciou seu trabalho solo na edição 10<sup>25</sup> da publicação americana.

### **Ideologia presente nas HQs do Capitão América no ano de 2003**

Extrair a ideologia existente em uma HQ não é trabalho fácil, ainda mais quando se trata do Capitão América num contexto totalmente diferente do que foi criado, isto é, a Segunda Guerra Mundial. Durante este conflito, de escala mundial, a ideologia presente nas HQs do Capitão América era bem clara e direta como é retratado nas capas de sua revista na época da guerra (luta contra o nazismo). Entretanto, demonstrar a ideologia presente nas aventuras do *bandeiroso* na atualidade, especificadamente, durante a saga da luta contra o terror<sup>26</sup>, é bem complexo, já que ao longo destas publicações foi alterado a equipe criativa inicial, assim temos dois posicionamentos ideológicos bem definidos ao longo destas 11 HQs, passando por um momento de interação entre os dois posicionamentos, que ocorre nos números 8 e 9, no que diz respeito ao argumento.

---

<sup>24</sup> Disponível em: <<http://irlandesmaluko.blogspot.com/2011/08/o-capitao-america-dos-quadrinhos.html>>  
Acessados em 28/11/11

<sup>25</sup> Aqui cabe informar que no corpo do texto será referido a numeração das publicações americanas por uma questão de ordem de continuidade, já que na publicação brasileira ocorreria em um Mix de histórias muitas vezes deixara de se publicar continuamente, isto é, algumas vezes deixou-se de publicar em um mês para que outra aventura fosse publicada, posteriormente a história que tinha deixado de ser publicada no mês era publicada no outro.

<sup>26</sup> se divide em três arcos de histórias distintas, porém, interligadas que são: O Inimigo (arco que compreende as edições 1, 2 e 3), Senhores da Guerra (edições 4, 5 e 6) e o arco Os Extremistas<sup>26</sup> (edições 7, 8, 9, 10 e 11<sup>26</sup>).

Primeiramente, com John Ney Rieber e John Cassaday, notamos uma posição ideológica humanista e crítica, tanto no argumento quanto na arte, ambas se complementam e passam a mensagem desejada pelos autores (está etapa vai até o sétimo número<sup>27</sup>). Posteriormente temos um período de transição, os números oito e nove (são nestes que se notam com maior clareza a intervenção editorial) são de “parceria” entre Rieber e Austen. Após este período de transição, assume em definitivo Chuck Austen no argumento com dois artistas passando pela arte até o fim destes arcos da luta contra o terror, são eles Trevor Hairsine (edições 07 a 09) e Jae Lee (edições 10 e 11).

A ideologia presente na fase de Rieber e Cassaday é ilustrada perfeitamente pelo discurso do “terrorista” em olhar fixo para o leitor, como se fosse uma conversa direta entre os autores e o seu público (fig. 04 e 05).



**Figura 04:** Referência de Rieber as ações militares e ou econômicas impetradas pelos EUA ao redor do mundo.

<sup>27</sup> John Cassaday desenhou a revista do Capitão América até o número 6.



Figura 05: Mais uma vez Rieber e Cassaday falam direto com o público.

Novamente Rieber e Cassaday utilizam-se do recurso do olhar direto para passar seu posicionamento político-ideológico de forma clara e direta para o leitor. É neste estilo de trabalho que a dupla desenvolve o Capitão América que idealizaram, um CA que reflete sobre seus atos e os atos do governo, o que para ele são duas coisas bem diferentes.

Já com Austen comandando a argumentação do título as críticas continuam fortes como ilustram os pensamentos do agente da *S.H.I.E.L.D.*<sup>28</sup>, e nativo-americano, extraídos das páginas da revista *Marvel* 2003 nº 07 no Brasil, *Marvel knights* nº 8 nos EUA, desta vez é a questão do terrorismo interno que é abordada bem como a da apropriação das terras, que já tinham donos, por parte dos imigrantes Europeus.

- "Quatro conquistas e sete anos depois, nossos pais trouxeram a este continente uma nova nação..." - Lincoln, é claro, nunca mencionou um fato importante... Já havia uma nação aqui. Várias nações, na verdade. Navajo, Lakota, Pawee, só pra citar três.

<sup>28</sup> Strategic Hazard Intervention Espionage Logistics Directorate. Tradução livre: Superintendência Humana de Intervenção, Espionagem, Logística e Dissuasão. *S.H.I.E.L.D.* é uma organização fictícia do Universo Marvel, com objetivo de realizar a contra-espionagem e manutenção da lei. Fundada pela ONU e financiada pelas potências da OTAN, tem a função de proteger todo o planeta de ameaças de grande porte, desde terrorismo internacional até invasões alienígenas.

- “Uma nova nação, concebida na liberdade...” Liberdade para os imigrantes europeus, talvez. Homens brancos com perucas empoeiradas, sexualidade reprimida e dentaduras de madeira. Parias de outros países, “Dedicados a propósitos de que todos os homens são iguais”. **Todos** os Homens. Menos os **Peles-Vermelhas**. (RIEBER/AUSTEN. 2003. vol. 8 p. 75).

Estes “pensamentos” são apresentados ao leitor pelo ex-agente da *S.H.I.E.L.D.* que se encontra caminhando em frente do monumento de Lincoln em Washington DC. A intenção de Rieber e Cassaday é, possivelmente, a de passar a mensagem de que o invasor, o terrorista, foram os imigrantes europeus, que praticamente exterminaram as nações nativas, apoderando-se das terras que por gerações pertenceram a estes povos.

Rieber continua sua crítica, pois o personagem nativo-americano chamado de Inali continua sua reflexão quanto aos fatos históricos quanto da formação dos EUA como nação.

Com uma perspectiva revisionista, essas palavras têm poder. Um profundo significado para todos que as escutam. A menos que você se lembre que os “Estados Unidos” foram **construídos** por pessoas escravizadas e vivendo em campos de concentração.

- Será que Lincoln acreditou na exatidão de suas palavras quando as disse? Ou ele considerava “homens” na acepção estreita da palavra em sua época e contexto? Branco, anglo-saxão. Protestante. Homem. Acho que sim. (RIEBER/AUSTEN. 2003. Vol. 8, p. 76.).

Na Revista seguinte, *Marvel knights* 11, nos EUA, no Brasil *Marvel* 2003 nº 11, ocorre o combate final entre este ex-agente<sup>29</sup> da *S.H.I.E.L.D.* e o Capitão América, no fim ocorre um diálogo entre os dois, muito esclarecedor.

- Você assassinou mais de cem pessoas, Inali. Prefiro espancá-lo até a **morte** a deixar que mate mais um inocente (Capitão América).

- **Ninguém** é inocente Steve<sup>30</sup> (Inali).

- Pelas leis deste Governo... Quer você queira aceitar, quer não... Todo americano é cúmplice das trevas que este país espalha pelo planeta... Ao pagar seus impostos. (RIEBER/AUSTEN. 2003. vol. 18, p. 11).

É na próxima fala do CA que se nota a luta entre liberdade de expressão artística e a força editorial que não queria uma crítica escancarada aos EUA. “- *Essa é uma linha de argumentação terrorista... Que eu... Estou **farto** de ouvir.*” (RIEBER/AUSTEN. 2003. vol. 11 p. 18). Esta fala demonstra o que aparentemente é uma posição comum no meio político e midiático estadunidense, que Chomsky (2005, p. 78) ilustra ao falar que quando seus aliados, ou eles próprios, são atacados, isto é terrorismo, mas, quando somos nós (EUA e aliados) isso não é terrorismo é levar a democracia aos outros povos.

As palavras em **negrito/italico** são destacadas pelo o autor, possivelmente em uma tentativa de chamar a atenção do leitor especificamente para aquele trecho, causando assim uma reflexão quanto ao tema abordado no trecho específico.

<sup>29</sup> Este personagem chama-se Inali.

<sup>30</sup> Steve Rogers é o nome verdadeiro do Capitão América.

Nos diálogos apresentados acima, se pode avaliar que a crítica, o fazer pensar, continua, mesmo depois da saída de Rieber do título. Porém, com Austen esta crítica é infinitamente menor, ela é existente logo quando ele inicia a parceria com Rieber, nesta fase vê-se a intervenção editorial, pois esta claro que Austen faz os trechos pró-EUA. No entanto, a crítica altera-se para a mesma linha que estava sendo desenvolvida por Rieber, isto ocorre nos números finais do arco de aventuras de luta contra o terror, compreendidos pelos números 10 e 11 da publicação norte-americana. Entretanto, estas críticas foram diminuindo drasticamente e fugindo do tópico principal, mais uma intervenção editorial.

Como os ânimos estavam muito tensos, isto é, no âmbito internacional a crítica às intervenções militares norte-americanas estavam muito fortes e a *Marvel* não queria perder mercado, ou seja, diante de um mercado globalizado a editora não queria desagradar consumidores mundo afora, tendo em vista que não estavam mais no período da Segunda Guerra onde a maioria esmagadora do público consumidor das HQs eram estadunidenses, assim, achou-se melhor tirar suas revistas<sup>31</sup> de qualquer relação com o mais novo conflito americano. Nota-se isso nas publicações subsequentes aos arcos descritos acima bem como o contínuo descontentamento por parte dos profissionais da indústria dos quadrinhos, aos quais, em sua maioria, eram contra as invasões perpetradas pelo governo Americano. Mas 70%<sup>32</sup> da população eram a favor da guerra. Perante estes fatos, pesaram mais o fator econômico, assim, os editores acharam melhor não publicar nada que criticasse ou apoiasse a ação. Porém, para boa parte de uma população de exaltados, o “sumiço” do Capitão América tenha sido entendido como traição<sup>33</sup>.

Os arcos subsequentes são de roteiristas e artistas diferentes dos que vinham trabalhando no título até então. Mas, sobretudo operam com histórias desconexas com a atualidade. Por fim, o poder econômico falou mais alto que o artístico. A linha editorial que se formara no início deste novo ciclo do Capitão América era empolgante e emblemática, mas forças superiores as vontades dos artistas que queriam liberdade para criar foram superados, de início pela pressão em alinharem-se as ações governistas, posteriormente ao abandonarem por completo toda e qualquer forma de posicionamento, clara evidência de deixar o público no vazio, pois a arte é a comunicação para os mais desprovidos de informação.

Partindo deste conceito, avalia-se que ocorreu uma tentativa, por parte de elementos superiores dentro da *Marvel Comics* como a atuação de Joe Quesada diante do que era produzido por Rieber e Cassaday, de gerar uma propaganda ideológica nas aventuras do

---

<sup>31</sup> Veja bem, a Marvel desvinculou por completo todas as suas revistas de críticas ou apoio à Guerra ao Terror.

<sup>32</sup> Disponível em: <<http://irlandesmaluko.blogspot.com/2011/08/o-capitao-america-dos-quadrinhos.html>> Acessados em 28/11/11.

<sup>33</sup> Disponível em: <<http://irlandesmaluko.blogspot.com/2011/08/o-capitao-america-dos-quadrinhos.html>> Acessados em 29/11/11.

Capitão América, que foi reformulado com a intenção de adquirir mais leitores e consequentemente acumular lucros, em um primeiro momento. Contudo, diante da saída de Cassaday, a partir do sétimo número (ficando apenas com o desenho das capas), e de Rieber, nono número, sendo substituído por Chuck Austen, em protesto contra as censuras que estes vinham sofrendo por parte do editor-chefe. Mesmo Austen deu continuidade às críticas que Rieber vinha fazendo, claro que com menor intensidade. Entretanto, com o constante repúdio às invasões por parte da comunidade especializada aliadas às críticas internacionais frente às ações unilaterais dos EUA, verifica-se que não ocorreu uma larga campanha propagandística pró-governo norte-americano nos quadrinhos do Capitão América.

### **Bibliografia**

- AUSTEN, Chuck. Marvel 2003. Nº 11. São Paulo. Panini Comics Brasil, 2003.
- CHOMSKY, Noam. Poder e Terrorismo. São Cristóvão, RJ, 2005.
- RIEBER, John Ney e John Cassaday. Marvel 2002. Nº 09. São Paulo. Panini Comics Brasil, 2002.
- RIEBER, John Ney e Chuck Austen. Marvel 2003. Nº 07. São Paulo. Panini Comics Brasil, 2003.
- RIEBER, Jhon Ney e Chuck Austen. Marvel 2003. Nº08. São Paulo. Panini Comics Brasil, 2003.
- RIEBER, Jhon Ney e Chuck Austen. Marvel 2003. Nº09. São Paulo. Panini Comics Brasil, 2003.
- RIEBER, Jhon Ney e Chuck Austen. Marvel 2003. Nº10. São Paulo. Panini Comics Brasil, 2003.
- RODRIGUES. Lei antiterrorista vai permitir criminalização de movimentos sociais. Disponível em: <http://www.inesc.org.br/noticias/noticias-gerais/2007/marco-2007/lei-antiterrorismo-vai-permitir-criminalizacao-de-movimentos-sociais> Acessado em 25 de novembro de 2011.
- THOMPSON, John B. A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.
- THOMPSON, John B. Ideologia e cultura moderna: teoria social critica na era dos meios de comunicação de massa. 5. Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.